

INSTITUTO DE SANT'ANA

RELATÓRIO DA SECÇÃO DE RECUPERAÇÃO DE RAPARIGAS

1954 a 1959

ANTECEDENTES

1.º - O problema da prostituição é de todos os tempos. Já dele se fala no Antigo Testamento, a começar pelo Génesis. E embora o Senhor tenha proibido a prostituição no meio do seu povo eleito (Dt 23,17), ela mantém-se, a ponto de ser necessária a intervenção de Deus para que os sacerdotes, ao menos, não tomem prostitutas por esposas. (Lv. 21,14).

Mais generalizada era ainda a prostituição entre os pagãos e idólatras, chegando mesmo a estarem prostituídas ao serviço dos Deuses e serem tidas por sagradas.

Dos numerosos textos da Sagrada Escritura, em que se fala de prostituição, deduz-se claramente quanto ela é abominável aos olhos de Deus, embora muitas prostitutas tenham recebido graça e misericórdia da parte do Senhor e até tenham sido apresentadas, como exemplo, a descrentes e fariseus (ver Js 6,17; Mt 21,31; Hb 11, 31; Tg 11,25).

Também falam dela os Santos Padres e Doutores da Igreja, chegando alguns até ao ponto de as tolerar como mal menor, embora sempre um mal.

2.º - Mas a prostituição, cuja essência é sempre a mesma, isto é, a entrega do corpo da mulher à concupiscência do homem em troca de dinheiro, não é hoje o que foi nos séculos anteriores. Com o desenvolvimento da economia mundial, também a prostituição deixou de ser comércio privado ou forma de salário, para se transformar na sua generalidade, numa verdadeira industria, montada com toda a técnica da moderna economia.

E nisto está a sua maior abominação e a gravidade do problema.

Com efeito, enquanto a prostituição foi assunto individual e só dizia, por assim dizer, respeito à mulher que a ela se entregava e ao homem que a procurava, a sociedade não se tinha por directamente atingida. Desde, porém, que se transformou em industria, já o problema deixou o âmbito pessoal, para se tornar num problema nitidamente social.

Efectivamente, para que fosse lucrativa como interessava, era necessário organizá-la: arranjar locais apropriados, garantir a abundância de matéria prima que deveria ser devidamente transformada em aliciante mercadoria, atrair clientela de cada vez mais numerosa e cobiçosa. Para atingir tais objectivos, seria ainda necessário montar os serviços de propaganda, abater as barreiras morais que pudessem dificultar o normal andamento das "transacções", suprimir os perigos de falta de higiene na prostituição, etc..

Tudo se fez com mestria: arranjaram-se os locais; montou-se a máquina de aquisição e corrupção de raparigas; organizou-se enorme gama de propaganda pela palavra, pela gravura, pela canção, pela revista, pelo cinema, pelos ambientes de excitação, (desde as mais repelentes tabernas aos mais requintados "cabarets"); conseguiu-se por hábil campanha, o regulamento do exercício da prostituição, a matrícula das meretrizes, a sua concentração em casas apropriadas, com o pretexto de que assim seria fácil a vigilância policial e sanitária, com o que se evitariam os escândalos e a propagação de doenças.

Mas tudo isto exigia a organização científica de um ataque directo e frontal aos alicerces morais das velhas sociedades cristãs para adormecer a consciência moral, e uma hábil propaganda que levasse a considerar a regulamentação da "indústria" como medida salutar e aconselhável.

A princípio, ainda se localizaram os centros da máquina industrial, limitando-se aos bairros "típicos" ou mais afastados e escondidos. Finalmente, o âmbito da organização vai-se estendendo a toda a parte. Por

sua vez, a indústria não pode exercer-se às ocultas. Para ser mais rendosa, convém, pelo contrário, dá-la a conhecer. E assim, os “meios” sociais, onde se exerce a prostituição, tornam-se imorais: a linguagem, as atitudes, os divertimentos, tudo corrompe. Nem há o mínimo respeito pelas crianças. A estas é necessário igualmente corromper, pois são ou a matéria prima de amanhã ou a clientela do futuro. E não poucas vezes se aliciam, mesmo antes da puberdade, para a prática de actos anti-naturais, em casas especializadas.

3.º - A máquina industrial alicia as raparigas, corrompe-as e escraviza-as. Todos conhecem os sistemas empregados, desde o logro à sedução e à ameaça. Os agentes aliciadores são aliás bem pagos.

E, uma vez caídas nas malhas da organização, dificilmente poderão dela sair. Regra geral, são entregues a uma acção corruptora, e, depois, acorrentadas a uma disciplina brutal, que exige delas o máximo rendimento, as brutaliza, insensibiliza e degrada. Muitas vezes são obrigadas a atender dezenas e dezenas de clientes por dia, até ao desfalecimento e à ruína total da sua saúde.

E não podem facilmente libertar-se. A máquina não só explora o vício da clientela, mas também as explora a elas. Vende-lhes as refeições, o vestuário, os artigos de adorno e de luxo, aluga-lhes os quartos para dormir, fornece-lhes os medicamentos. Tudo a preços elevados, de forma a permanecerem sempre em dívida.

Por outro lado, quem lhes dará trabalho, para ganharem honestamente a vida? Ninguém! O labéu social cai de tal maneira sobre elas, que nunca mais são aceites em nenhuma parte. A sua vida transforma-se num tormento, que é preciso abafar no álcool e em todas as formas de embriaguez. Passados meses de prostituição, as raparigas estão completamente arruinadas, física e psicologicamente.

4.º - No entanto só uma pequena percentagem delas – 6 a 7 por cento, segundo os melhores cálculos – se entregou à prostituição voluntariamente. As outras são vítimas de mil circunstâncias de ordem material ou social: carência de família e de educação, falta de amor, baixos salários, seduções amorosas e abandonos subsequentes, necessidade de sustentar filhos ou velhos pais, etc..

Existe, por isso, normalmente nelas o sentimento da frustração e a ânsia de libertação. Frustradas no carinho familiar (a imensa maioria não tem família ou nunca teve ambiente familiar), frustradas no amor, sentindo-se objecto de desprezo e de repulsa da sociedade e de desdém das outras mulheres, gera-se na alma delas o sentimento do fatalismo (donde nasceu o fado) e a ansiedade de amor. Agarram-se a um homem que tenha exteriorizado pena delas, seja quem for, põem nele as suas esperanças, dedicam-lhe um amor desorientado mas intenso, e sentem-se felizes, se as arrancam àquela vida. Muitas vezes, é mais uma ilusão, pois que muitos fingem amá-las, para viver à custa delas, forçando-as, mesmo pela violência, a sustentá-las, com o mesmo salário.

Tudo isto, que as condena e as força a uma existência de permanente mentira e degradação, redúl-las à mais execranda das escravaturas e tira-lhes toda a esperança. Morrem estoicamente sem o sentimento de culpa, porque se julgam, e com muita razão, mais vítimas do que culpadas. Quando se não suicidam – e há muitas formas de suicídio – odeiam tudo.

No entanto, se diante delas surge uma esperança, a ela se agarram desesperadamente, e a sua grande ansiedade é tornarem-se iguais às outras mulheres. Por isso, quando se casam, são, normalmente, esposas dedicadas e fiéis e até, muitas vezes, mães exemplares.

O que acima fica dito é uma pálida amostra da duríssima realidade. Deve, no entanto, bastar para se avaliar da gravidade do mal e se lhe procurar remédio. Caso contrário, a prostituição continuará a generalizar-se, com grande gáudio dos respectivos industriais. Mas, se não é fácil procurar remédio definitivo à prostituição propriamente dita, não será difícil desorganizar e reprimir uma indústria que é a vergonha das sociedades que a toleram. As casas de prostituição são, com efeito, a mais repelente forma de escravatura de seres humanos, a mais requintada escola de vícios, de aberrações sexuais e de crimes, o mais poderoso instrumento de ruína social e o mais ardiloso meio de corrupção da dignidade.

5.º - E esta luta é possível e viável, mas só poderá ser verdadeiramente eficaz com o emprego simultâneo destas três medidas:

1. Supressão imediata de toda e qualquer regulamentação e, portanto, encerramento drástico de todas as casas de prostituição.
2. Repressão rigorosa de todos os meios de aliciação, com prisão e reeducação, pelo trabalho, de todos os “souteneurs”, agentes de empregos suspeitos, etc..
3. Organização da recuperação social de prostitutas actualmente no exercício da sua profissão.

Como não nos pertence a responsabilidade do emprego destas medidas, mas tivemos a oportunidade de pressentir e ouvir o apelo das prostitutas, ensaiamos a aplicação do último meio, em regime voluntário e em escala certamente muito limitada, nas suficientemente elucidativa para ser um passo em frente na luta contra a prostituição. Enquanto, porém, não forem utilizados os outros meios por quem de

direito, a nossa acção poderá salvar muitas raparigas, mas não será nunca um golpe decisivo neste flagelo social.

HISTÓRIA DA OBRA

A Obra de Recuperação de raparigas prostituídas esboçou-se nas mais dolorosas condições: a assistência religiosa, pedida por outras prostitutas, a uma rapariga que morria tuberculosa, numas escadas no Bairro Alto, em Lisboa. A recolha dessa rapariga, a forma como reagiu durante os 8 dias que ainda teve de vida, a impressão causada nas suas “colegas” pelo exemplo de como poderiam morrer as que se quisessem salvar, os apelos sucessivos de muitas a que as “libertassem daquela miséria”, deu origem a que, em 29 de Junho de 1954, se iniciasse esta obra.

Foi ela julgada imprescindível, depois de sucessivos fracassos em tentativas de lhes obter empregos. A sociedade está cheia de hipocrisia. Todos as condenam por andarem naquela vida; mas quando se pede a alguém, que o poderia fazer, trabalho honesto e regenerador, todos se escusam, com medo e nojo delas. Aliás o seu aspecto físico, o seu desequilíbrio nervoso, o seu “facies” característico, o seu destreino de trabalho servem de legítima desculpa. Para as empregar, era preciso mentir sobre o passado. Mas como a mentira é o não-ser, só uma solução apareceu: recebê-las, reeducá-las para, depois, as empregar.

E assim, com 8 raparigas voluntárias, se abriu a primeira casa de recuperação, na Quinta do Bosque, na Amadora.¹

Convém antes de mais nada, saber as razões que as levaram a “aparecer” e a se tornarem “voluntárias”. Isso nos ajudará a compreender o problema.

Temos como certo, que acima de tudo, foi Obra da Divina Providência, por intercessão de Santa Maria Goretti.

Como se referiu já, num dia de inverno de 1953, chamaram o então Pároco da Encarnação (paróquia que abrange a quase totalidade do Bairro Alto) para ir “benzer” uma rapariga que estava a morrer numas escadas. Como o Pároco se recusou a sacramentar moribundos em escadas (pois era necessário que alguém a recolhesse), voltou depressa a ser chamado, “pois já estava recolhida”. E foi sacramentada numa casa de prostituição. O auxílio prestado a esta moribunda (expulsa violentamente da “casa que a matou”) por algumas senhoras da Acção Católica paroquial, causou sensação. Passados dias, mais três pediram os sacramentos e morreram cristãmente. No final do enterro de uma delas, com grande acompanhamento, um grupo de raparigas abeirou-se do Pároco: “Vimos agradecer-lhe o que tem feito por nós”.

Pouco depois, começaram a procurar o mesmo Pároco algumas raparigas, pedindo que as libertasse “daquela miséria”.

E sendo interrogadas sobre as razões por que o procuravam, responderam: - Porque não tem nojo de nós.

Pároco, já há tempos na Encarnação, nunca uma única prostituta procurara a Paróquia. Mas as então 60 casas autorizadas na área da freguesia e o ambiente de desmoralização que tanto impedia a acção apostólica, levaram o Pároco a pensar em estabelecer e fomentar na sua Igreja o culto à Santa que soube dizer não e que morreu em defesa da virgindade. Encomendada a imagem, chegou esta à paróquia e foi colocada na sacristia, à espera de oportunidade de ser benzida solenemente, e assim inaugurado o seu culto, por Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca. Pois a primeira rapariga – a que morria numas escadas – foi sacramentada dois dias depois de ter chegado a imagem. E quando Sua Eminência inaugurou o culto da Santa, já se puderam colocar sobre o seu altar, em sinal de gratidão, quatro chaves de caixão de outras tantas raparigas que morreram na Graça de Deus. Até ali, nem um único caso se apresentara ao Pároco!

Quando, pouco tempo depois, Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca voltava à mesma Igreja para inaugurar uma capela privativa para o culto de Santa Maria Goretti, começaram a aparecer as primeiras solicitações e os primeiros apelos de libertação. Era evidente o milagre!

E como se multiplicassem os apelos, desenhou-se então o primeiro esboço da Obra. Assente em que “técnicas”?

Em duas apenas: **PRIMEIRO**: Confiança na Providência, pois era manifesta a vontade de Deus da urgência de reagir e actuar; **SEGUNDO**: Caridade fraterna – Mandamento fundamental de Cristo. Era preciso, não só “não ter nojo delas”, mas mostrar-lhes um grande amor e ter uma fé inabalável nas possibilidades da

¹ - Esta quinta, com o seu edifício, era pertença do Patriarcado e estava entregue ao Instituto de Sant’Ana. E como este Instituto se consagrava já à educação e assistência a raparigas dos meios universitários e operários, aceitou o encargo de recolher as primeiras raparigas, criando uma secção especializada para a recuperação voluntária de prostituídas. É esta Secção do Instituto de Sant’Ana que, sob a Direcção do Instituto, tem realizado a Obra a que se refere o presente Relatório.

sua recuperação, vivendo os seus problemas e a imensa angústia das suas almas, para as lucrar para Cristo, que tantos exemplos de como se regenera nos deixou no Evangelho.

O resto, a experiência o daria. E foi dando.

ORGANIZAÇÃO DA OBRA

Recolhidas as primeiras 8 raparigas nas condições descritas, surgiu logo a evidência de que era imenso o trabalho a realizar. Aquelas raparigas quase não eram já seres humanos. Doentes de todos os seus órgãos (ouvidos, olhos, dentes, aparelho digestivo, respiratório e circulatório) e, sobretudo, desequilibradas psicologicamente, quase sem esperança e sem fé, desconfiando de tudo e de todos, a recuperação só se tornaria possível se, além da actuação do sobrenatural, cada uma delas fosse acompanhada e seguida pessoalmente e constantemente.

Por isso, a primeira conclusão que se tirou, logo de início, foi a de que em ambiente nitidamente familiar (coisa que nenhuma delas tinha jamais tido) se poderiam obter resultados. Mas isto exigia pessoal numeroso, compreensivo e adaptado, se quisesse desenvolver-se a Obra, aumentando o número de grupos.

Outra conclusão foi a de que era necessário fazer renascer nelas a confiança: 1.º em si mesmas e nas suas possibilidades (outra coisa que nunca tinham tido); 2.º confiança na sociedade (que também nunca tiveram). Mas isto exigia uma camaradagem cristã entre assistentes e assistidas, um quase nivelamento, uma doação total, a fim de criar nas raparigas a verdadeira ascensão moral e social. Mais outra exigência de pessoal especializado.

A terceira conclusão foi a de que era impossível, de repente, transformar física, psíquica e moralmente uma rapariga que mais não era que um farrapo humano. Portanto, demorado e paciente trabalho educacional, com altos e baixos, heroicidades e fraquezas, euforia e abatimentos, esperanças e desesperos, persistência e abandono. Trabalho sem urgências e sem impaciências.

A quarta conclusão foi a de que cada rapariga, que procurava a Obra, causava sempre enorme perturbação no ambiente. Era preciso quase separá-la, ter um regime diferente para ela, vigiar de perto os contactos. Onde nasceu a ideia de se organizar uma secção à parte, para acolhimento e estudo de cada nova rapariga. Mas isto, que era impossível, por falta de condições habituais, tornou-se depois exequível com a mudança das instalações para a Estrada de Benfica.

Devemos acrescentar ainda outra conclusão que a experiência nos trouxe: passados alguns meses de internamento, mesmo nas melhores condições e no mais fraterno ambiente, as raparigas denotavam cansaço do internamento. Sentiam-se já outras, tinham perdido os complexos de inferioridade, já não acreditavam no fatalismo da vida, viam-se mais saudáveis e mais jovens e, portanto, com enorme desejo de começar vida nova. Mas como regressar à sociedade que as corrompera, se tinham sido tão gravemente atingidas e a sua cura perigava! Também a experiência nos conduziu a conclusões: o internato não poderia ser nunca muito longo. Mas era preciso, ao largá-las, não as abandonar, antes pelo contrário. O momento mais difícil, porque o da prova maior, seria precisamente esse. Daqui surgiu a ideia de se organizar também uma “secção” para as que reingressavam na vida normal. Mais outra exigência de pessoal competente, que as seguisse no trabalho, as acompanhasse nas horas livres e nas folgas e as amparasse na nova vida. E não só uma nova secção de pessoal, mas de habitação a fim de que pudessem recolher-se ao “seu lar”, sempre que desempregadas ou em colocações sem dormida.

E foi assim, pouco a pouco, que se foram estudando e aperfeiçoando os meios a empregar e conhecendo, portanto, o trabalho que era preciso realizar-se.

Simultaneamente, foram-se estudando também os melhores métodos educacionais.

Primeiramente, esquecer o passado, o que exigia a ocupação do espírito, do corpo e do tempo. Organizou-se-lhes a vida, por meio de trabalho progressivo, tanto no tempo, como na categoria; facultaram-se-lhes distrações frequentes, dentro e fora do internato; facilitou-se-lhes o convívio social, com pessoas e famílias de nível mais elevado, para destruir nelas todos os complexos.

Mas como tudo isto eram métodos negativos, havia necessidade de usar, em larga escala, os métodos positivos. Neste ponto também partimos de certos princípios que pareciam e se mostravam válidos.

Como a mulher foi criada por Deus, fundamentalmente, para a maternidade, é evidente que toda a mulher é dotada, em ordem a esse objectivo, de tendências naturais, que era preciso valorizar ao máximo: a tendência para o amor, para a maternidade e para a educação. Estas tendências que nascem do instinto, fazem dela a trave mestra da família.

Seria, portanto, necessário criar-lhes ambiente familiar, e despertar nelas o amor pela família. Além disso, educar-lhes o amor, dar-lhes um sentido, facultando-lhes um exercício, já que nele foram frustradas, desde criança. Finalmente, engrandecer a maternidade (muitas já eram mães), dar-lhes perspectivas novas e ensinar-lhes os princípios essenciais da educação dos filhos.

Nesta orientação, organizaram-se contactos com os restos da família ou suposta família que ainda tinham, sobretudo por meio de visitas mútuas e de assistência aos seus membros necessitados; dirigiu-se-

lhes o trabalho, em primeiro lugar, no sentido de fazerem o seu enxoval e de arranjam adornos para o seu futuro lar; facilitaram-se os encontros, vigiados e orientados, com os possíveis futuros maridos e fomentaram-se os namoros, como adiante se dirá; trouxeram-se os filhos para junto delas e exercitaram-se nos cuidados a ter com eles e nas boas regras da educação; acolheram-se com carinho as grávidas que foram especialmente cuidadas e preparadas na exaltação da maternidade.

A par de todos estes meios humanos, não se descuidaram os meios sobrenaturais. A explicação do amor de Deus pelos pecadores, a progressiva, embora livre, educação religiosa, a assistência a actos de culto divino e preparação para uma boa confissão, são meios indispensáveis para o desenvolvimento da confiança em si mesmas e em Deus. Neste aspecto, o desenvolvimento do respeito de si próprias, enquanto filhas de Deus, e do seu corpo, templo vivo do Espírito Santo, produz, pouco a pouco, o amor à sua dignidade e a repulsa pela vida passada.

Todo este esforço paciente de recuperação exige, porém, uma enorme dose de fé cristã nas que as acompanham e educam, uma doação total e uma vigilância atenta e perspicaz a todos os seus enormes problemas. Para as trabalhadoras não há, muitas vezes, noite nem dia, e não pode haver nunca desalentos, por mais duros que se mostrem os caminhos.

Mas exige também grande dispêndio de dinheiro, pois a tudo é preciso atender e sobretudo à aquisição para cada uma, de roupas, móveis e utensílios seus, maneiras de despertar nelas o sentimento de propriedade individual, alicerce fundamental da liberdade e, portanto, de personalidade, sem o qual todo o trabalho seria pouco mais do que inútil.

E assim se chegou a um método de trabalho de recuperação que vai de encontro aos sistemas normalmente empregados de internar o maior número possível, num regime colectivo de vida e de disciplina, que só pode ser útil para os que tendem à perfeição, pela renúncia de si mesmo. A estas pobres raparigas a quem tudo de digno do mundo foi negado, só se poderia auxiliar com um esforço de educação e de assistência constante, que gerasse nelas o sentimento do valor humano e cristão da sua existência individual.

Porém, a par das que são acolhidas no internato, muitas apareceram e aparecem que, dadas as circunstâncias da sua vida, não podem nem devem ser internadas. São por exemplo aquelas que já vivem com um homem, ou já têm uma colocação qualquer, as que têm família que as não repele.

Para estas, foi preciso prever uma secção especial de assistência externa que as acompanhasse cá fora ou no seio da família, as auxiliasse nos seus problemas e as encaminhasse para a constituição de um lar normal ou um emprego suficientemente remunerado que, digamos de passagem, é a nossa principal dificuldade neste trabalho de recuperação.

Por estes caminhos, fomos chegando, pouco a pouco, à montagem das duas grandes secções que nos eram indispensáveis: a de Recuperação e a de Recuperadas.

A) SECÇÃO de RECUPERAÇÃO

Esta secção foi dividida em duas partes: Internato e Externato. E o internamento, por sua vez, em outras duas: Acolhimento e Lar.

1.º INTERNATO

a) Acolhimento

Quando aparece uma rapariga, se pode e deseja ficar internada, é recebida numa espécie de pré-acolhimento para a primeira “desintoxicação”, o primeiro estudo da sua personalidade. Se manifesta boa vontade e possibilidade de recuperação, fica no Acolhimento. Caso contrário, procura dar-se o destino que o seu caso particular exige.

Uma vez no Acolhimento, procura-se adaptá-la, pouco a pouco, e conforme a sua capacidade, às condições do ambiente: estuda-se a sua saúde física e psíquica, os problemas da sua vida anterior, para a ajudar a desvenenar-se deles, os seus problemas sentimentais e familiares, o seu carácter, vícios e aptidões. Os resultados destes estudos e os progressos de recuperação manifestados por cada uma é que vão determinar os meios mais aptos à sua recuperação.

Duma maneira geral, é necessário estabelecer os primeiros contactos da rapariga com os elementos do mundo exterior que possam ajudar à sua recuperação: filhos, namorado, família, convívio social. Simultaneamente, faz-se com ela o primeiro esforço de readaptação ao trabalho mais apto a ajudá-la e a interessá-la: serviços domésticos, desde a cozinha, à limpeza, lavagem e engomagem de roupas, etc.; remendagem, costura, corte ou outras especializações, conforme as tendências individuais; instrução e cultura. Como a maior parte aspira ao casamento, não é difícil interessá-las nos sectores da economia doméstica, de puericultura, higiene, etc..

O período do Acolhimento varia, evidentemente, segundo os casos, podendo ser longo para algumas e curto para outras.

Esta secção é, porém, sempre pouco numerosa, para se poder criar ambiente de família, actuar intensamente sobre cada uma e preparar activamente a sua adaptação ao trabalho no exterior. Por isso, logo que uma rapariga se encontra em franca recuperação, transita para o outro sector de recuperação que é o Lar, onde começam as suas experiências de trabalho.

b) Lar

Depois da sua passagem pelo Acolhimento, a rapariga fica em regime de Lar. Este porém, não é rígido, pois se adapta a cada caso. Assim, uma vez no Lar, começam as experiências de adaptação, umas vezes relativamente fáceis, outras bastante difíceis. Se a rapariga tem boa capacidade, o Lar será para ela apenas a Casa Mãe, onde vem passar os seus tempos livres, manter contacto com a Obra e procurar a solução dos seus problemas. Caso contrário, o Lar é uma forma nova de Acolhimento: emprega-se, desemprega-se, volta a viver em regime de puro internamento até poder satisfazer na sua colocação externa. Por isso o Lar é uma secção mais trabalhosa que o Acolhimento.

Com efeito, conhecidas as tendências e aptidões da rapariga, é necessário obter-lhe uma colocação adaptada, acompanhá-la nos primeiros passos, colaborar com os patrões, ampará-la nas primeiras reacções, desempregá-la se não se adaptou, estimulá-la em novo internamento ou em novo emprego, e estar sempre atento aos seus inúmeros problemas.

Neste capítulo, houve necessidade de se rever o problema dos empregos, pois, não sendo estes suficientemente remunerados, acontecia que era necessário dar-lhes de comer e de dormir no Lar, gratuitamente quase, e elevar, indefinidamente, o numero de alojamentos. Teve que se optar – o que não foi de todo fácil – pelas colocações internas, como criadas em casas particulares de inteira confiança, empregadas em casas de saúde, clínicas, colégios, etc..

Desta forma, o Lar serve de casa de família, nos períodos de desemprego e mas folgas, e de centro de contacto das raparigas com a sociedade. Aqui vêm passar o dia com os filhos, encontrar-se com os namorados, contactar com a família, receber as suas visitas.

Este sector da Obra é extraordinariamente interessante. As raparigas chamam ao Lar “a sua casa”, trazem lá outras raparigas e pessoas conhecidas, e servem-se dela para a propaganda da Obra. Por outro lado, o ambiente é necessariamente acolhedor, uma vez que é ali que se preparam os namorados para o casamento e se recebem as visitas. Por isso mesmo é um sector que exige uma atenção sempre vigilante, não tanto no ambiente da casa, como sobretudo ao estado de espírito das raparigas, a fim de prevenir crises ou recaídas, e de as impulsionar na obra pessoal da sua recuperação.

2.º EXTERNATO

Como acima foi dito, algumas raparigas, mercê das circunstâncias, não podem ou não querem ser internadas. Para elas se mantém este serviço de externato.

Consiste ele em receber e ouvir as raparigas, orientá-las nos seus problemas, auxiliá-las materialmente para as libertarem das peias que as prendem à prostituição, encaminhá-las para a solução dos seus problemas: regresso à família, harmonização de situações familiares, casamentos, preparação para colocações mais estáveis e mais bem remuneradas, obtenção de empregos e de habitações mais convenientes, regularização da sua situação criminal. Tudo isto exige, por vezes, inúmeras diligências junto de autoridades, famílias junto de autoridades, famílias, credores, tribunais, donas de quartos, patrões, etc.. Secção ingrata, mas que tem ajudado a aumentar o número daquelas raparigas, que sem a Obra, não poderiam libertar-se.

B) SECÇÃO de RECUPERADAS

São consideradas pertencentes a esta Secção as raparigas que deram suficientes provas de estarem recuperadas, ou pelo casamento ou pela vida independente ou em família. A Obra sentiu a necessidade de criar esta secção, pelo facto de recear recaídas.

Elas são normais, quando se não tenta evitá-las. Com efeito, a experiência vem ensinando suficientemente que as raparigas educadas em asilos ou em obras de educação ou de resgate, facilmente se perdem, se não forem acompanhadas, depois de saírem da Instituição que as educou e preparou. O ambiente é outro. As defesas do internamento deixaram de funcionar. Têm elas mesmas de resolver, por si, os seus problemas (habitação, vestuário, alimento, saúde, trabalho, etc..) – coisa a que não se afizeram até então -. Por outro lado, os empregos são mal remunerados, o salário não chega, a tentação aparece, surge o

complexo de inferioridade e o sentimento subsequente de fatalismo. Depois vem o inevitável, sobretudo se o meio ambiente em que vive a não estimula e ampara.

Para evitar estes males – que inutilizam todos os esforços anteriores – é que surgiu a ideia de proceder de outra maneira, isto é, considerá-las como necessitadas sempre de carinho, de orientação e de amparo.

Aliás, a quase totalidade de raparigas recuperadas mantêm-se, por iniciativa própria, em contacto, às vezes permanente, com a Obra. A secção nasceu, portanto, também das exigências das próprias raparigas.

O trabalho principal da secção é de as atender nos seus problemas domésticos ou profissionais e procurar-lhes a solução adequada. Para fazer uma breve ideia do esforço que continuam exigindo, basta dizer que, seja qual for o problema que as inquiete ou o acontecimento que as alegre, de tudo vêm dar parte.

Se houve discórdia familiar, a Obra é chamada a apaziguá-la; se o marido se desempregou; se falta dinheiro para a renda da casa ou remédio para os filhos; se um irmão, um cunhado, um primo precisa de colocação ou de solução de qualquer problema, a Obra é solicitada e nela põem todas as esperanças.

As casadas – quando habitam em Lisboa ou arredores – trazem marido e filhos a passar o domingo à Obra. As solteiras trazem irmãos, os pais, outras pessoas de família ou conhecidas.

Por isso mesmo, não sendo, em princípio, uma secção de grandes cuidados – pois o trabalho essencial está realizado – exige no entanto grande quantidade de dinheiro e de tempo. Só a correspondência, o telefone e as visitas dão suficiente ocupação. Cremos, no entanto, valer bem a pena, uma vez que, por ela, garantimos com mais eficácia e solidez a continuidade do trabalho. As raparigas sabem, com efeito – e disso têm consciência – que desde que queiram, uma vez ingressadas na Obra, não serão mais abandonadas, nem mesmo que tivessem regressado à prostituição ou tivessem partido para longes terras.

E só assim nos parece que se faz e pode fazer recuperação.

SECÇÕES ANEXAS

O desejo de realizar trabalho eficiente de recuperação levou-nos a empregar todos os meios que pudessem facilitar-nos a tarefa. E como sabemos que as raparigas prostituídas o são mercê das circunstâncias e não de uma inversão da natureza feminina, concluímos, e depois verificámos, que elas eram dotadas, como todas as raparigas, do instinto que faz a grandeza da mulher, isto é, o da maternidade. Ora o instinto da maternidade implica o do amor. Desenvolvendo-o e dando-lhe um sentido e uma saída, tínhamos a certeza de não errarmos o caminho. Por isso, ao contrário de outras obras irrealis que, pelo ambiente, educação, disciplina, abafam e contrariam, nas raparigas, as tendências naturais com que o Criador as dotou, nós procuramos despertar, disciplinar e educar nelas esse dom magnífico da natureza, que é o Amor.

Assim, acolhemos, em primeiro lugar, as que nos aparecem grávidas ou já têm um ou mais filhos e pomo-nos em contacto imediato com os pais destas crianças nascidas ou nascituras ou com os homens que têm demonstrado interesse por elas.

Vimo-nos, portanto, na necessidade de criar duas secções anexas que correspondem a este plano: a das crianças e a dos namorados.

a) AS CRIANÇAS

A ideia fundamental que presidiu à montagem da secção das crianças foi de que elas ajudariam as mães no seu esforço de recuperação. Com efeito, não querem que seus filhos e sobretudo filhas, saibam a vida que tiveram. Por isso, mais facilmente se esforçam e se vencem. Por outro lado – talvez por terem sido frustradas no Amor – consagram aos seus filhos toda a sua potência do amor, quase sempre desordenado.

As crianças estão com as mães na secção do Acolhimento ou no Lar.

No Acolhimento, embora haja quem as acompanhe e vele por elas, a fim de permitir às raparigas tempo livre para o trabalho educacional e preparatório da sua colocação, são sobretudo as mães que cuidam dos seus filhos, debaixo de orientação e disciplina. No Lar, como as mães passam o tempo no trabalho, funciona uma espécie de creche permanente, pois a maior parte das mães só vêem os filhos uma vez por semana.

Tanto num sítio como noutro, as crianças dão muito trabalho e muita despesa. É preciso tratá-las bem, não só porque não têm culpa da sua desgraçada origem, mas também para educar as próprias mães, que não trazem preparação nenhuma para o ser.

A experiência tem-nos ensinado que vale no entanto a pena. Por isso só são transferidas para a família ou Instituições de Assistência quando a idade começa a tornar inconveniente a sua presença.

b) NAMORADOS

O outro factor importante da recuperação é, como dissemos, o casamento. A experiência ensina, porém, que o casamento além de ser um estado de vida muito mais que um simples contrato, é também um Sacramento. É que ele só pode ser útil para as raparigas, para os filhos e para a própria sociedade, na medida em que for razoável e viável. Para isso, é evidentemente, necessário que os dois, que hão-de ligar-se um ao outro para sempre, se conheçam antes de se unir. Mas se conheçam completamente: qualidades e defeitos.

Dadas as circunstâncias especiais em que as raparigas se encontram (uma espécie de dependência confiante e voluntária), é-nos não só fácil orientar os namoros, como ajudá-los a conhecerem-se um ao outro.

Os namoros começam de várias maneiras: ou já trazem namorado ou encontram-se nos empregos, ou arranjam-no nas visitas à Obra. Com efeito, são muitas vezes os namorados de uma que trazem amigos para procurar mulher entre as raparigas da Obra. Também acontece, por vezes, que é necessário procurá-los entre os antigos conhecimentos, descobrir-lhes o paradeiro, pô-los de novo em contacto, desta vez, noutras bases e com outros objectivos.

Antes, porém, que o namoro se efective, é necessário obter informações seguras do rapaz, do seu amor ao trabalho e da sua capacidade de sustentar família. Se as informações são positivas, estimula-se a rapariga. Se o não são, desaconselha-se e, regra geral, com bons resultados.

Os encontros são sempre feitos em dias determinados e de acordo com as folgas de uns e de outros, a fim de se poder vigiar, acompanhar e orientar mais facilmente os contactos.

Este trabalho de preparação para o casamento exige muito esforço, inteligência e conhecimento de psicologia de uns e de outros, pois que se realiza simultaneamente com todo o demais trabalho de recuperação e nele se enquadra. Regra geral, de início, é necessário procurar o rapaz, trabalhá-lo e formá-lo, ao menos sumariamente, para compreender o alcance da Obra e a sua seriedade. Também, regra geral, ao tomar consciência das nossas intenções não é difícil levá-lo a participar nelas, a defender o prestígio do nosso trabalho e a respeitar a rapariga de outra maneira.

O desenrolar do namoro exige igualmente um grande espírito de compreensão do problema e uma assistência continuada. Como a rapariga não tem família, ou, pelo menos, não está com ela, são as trabalhadoras as suas confidentes e conselheiras. E todos sabem quanta finura psicológica se torna necessária, para manter, durante o namoro, não só a seriedade como a esperança.

A preparação imediata do casamento é mais um acréscimo de trabalho e de preocupações. O que fazem as boas mães às suas filhas, faz a Obra às suas raparigas. Daqui o resultado interessantíssimo desta faceta realista do nosso trabalho, pois que os casamentos feitos até hoje têm dado boas provas duma maneira geral.

NOTA FINAL

As secções da Obra não funcionam separadamente. Intercompenetram-se, completam-se umas às outras e, muitas vezes, o trabalho prático nem se pode esquematizar sequer. As mesmas trabalhadoras ocupam-se, por vezes, de todas as secções e as próprias raparigas se sentem bem em qualquer sector que não seja propriamente o delas. Parece-nos que esta forma de actuação estabelece uma unidade no trabalho que facilita a sua eficiência. No entanto, para melhor se compreender o vastíssimo campo de acção da Obra, foi necessário delimitar, bem claramente, as diferentes maneiras de agir e recuperar, consoante a necessidade de cada uma.

À medida que a Obra se vá desenvolvendo, haverá maior necessidade de a seccionar mais praticamente, mas isso só seria possível na medida em que as Trabalhadoras aumentem e atinjam um mínimo de formação e de experiência, sem o qual não se poderá ir mais além.

É esse o trabalho que se espera intensificar de futuro por ser a base de tudo.

BREVES DADOS ESTATÍSTICOS

Começou esta Obra, há 5 anos, com passos muito incertos e sem a devida experiência. Admitimos certos princípios, a grande ambição da Obra era atingir grande número de raparigas, arrancá-las à miséria de sua vida e restituí-las, transformadas, à sociedade. A experiência, porém, se nos veio ensinar uma técnica, limitou-nos as ambições. Nos fracassos de certas experiências é que aprendemos o caminho de um trabalho eficaz com efeitos duradouros.

E assim, pouco a pouco, fomos chegando à conclusão de que o nosso trabalho não passava de um início daquela grande obra que é necessário fazer-se, pela multiplicação das casas, pelo recrutamento e preparação de equipas numerosas de Trabalhadoras Sociais, pela aquisição de meios financeiros suficientes, para se fazer recuperação a sério.

Para dar-mos uma ideia da evolução da Obra, basta dizer que até aos fins de 1958, os nossos ficheiros registam um total de 200 raparigas: 66 no internato e 134 no serviço externo. A quase totalidade, porém, destas 134 raparigas externas nunca passaram pelo internato, por falta de pessoal que as seguisse, muitas delas acabaram por desaparecer, sem deixarem rasto. Só a partir de 1956, é que se enveredou pelo verdadeiro caminho, começando, então, um persistente trabalho de contacto com todas as raparigas do serviço externo e sequência dele.

Fruto, porém, deste esforço, pudemos atingir, actualmente, os seguintes números:

I – <u>RECUPERADAS</u>	60		
A) Casadas			
a) Em contacto com a Obra	17		
b) Não em contacto com a Obra	1		
B) Solteiras			
a) Lar	12		
b) Externato	13		
c) Não em contacto com a Obra	9		
C) Encaminhadas para outras Instituições	6		
D) Falecidas	2		
II – <u>EM RECUPERAÇÃO</u>	57		
Acolhimento	8		
Lar	5		
Externato	41		
Encaminhadas para outras Instituições	3		
III - <u>CRIANÇAS</u>			
	<u>Entraram</u>	<u>Saíram</u>	<u>Transitaram</u>
1954	3	1	2
1955	6	4	4
1956	3	3	4
1957	9	4	9
1958	10	7	12
1959	6	-	-

Além destas crianças, que se encontram ou estiveram internadas no Acolhimento ou no Lar, muitas outras, que estão a cargo das mães, ligadas à Obra pelo Serviço Externo, vão sendo também atendidas em casos de emergência, ou encaminhadas para Instituições adequadas, quando não há outra solução.

IV - NAMORADOS

	<u>Apareceram</u>	<u>Casaram</u>	<u>Desapareceram</u>	<u>Permaneceram</u>
1954	12	2	1	9
1955	8	2	7	8
1956	11	4	4	11
1957	10	2	8	11
1958	13	3	9	12
1959	23	3	-	-

CONCLUSÃO

Embora os resultados possam parecer pouco brilhantes para quem se entusiasma apenas com números, a verdade é que esta Obra, dado o seu especial carácter de recuperação de criaturas que a sociedade classificou pura e simplesmente de “perdidas”, exige um esforço de persistência e de continuidade como nenhuma outra, sobretudo se repararmos que se lida com adultos (de mais difícil modelação e totalmente afectadas no físico, no psíquico e no moral), sendo preciso, por assim dizer, refazer tudo de novo. Por outro lado, os perigos duma recaída – que não vem só delas, mas sobretudo da sociedade que já uma vez as corrompeu e não desiste do seu maligno propósito – são muito maiores nesta Obra do que em qualquer outra, pelo que as recuperadas continuam sempre sob a acção recuperadora, absorvendo tempo, pessoal e dinheiro, que outras Obras não precisam ou não querem utilizar.

Mesmo que não fosse em progresso o número de admissões de ano para ano, o número das assistidas estava sempre em aumento proporcional ao número de recuperadas.

Este aspecto particular da Obra nem todos o atingem.

Mas preferimos ouvir dizer que fazemos pouco, a ouvir dizer que trabalhamos mal ou sem resultados de valor.

A conclusão a tirar será, pois, a de que é necessário multiplicar estas Obras, para oferecer possibilidades de libertação às muitas raparigas que desejam salvar-se.

Lisboa, 31 de Outubro de 1959

O ASSISTENTE ECLESIAÍSTICO,
(a) P. Abel Varzim

A DIRECTORA DA OBRA
(a) Maria José Lencastre